

Nietzsche**

Albertina Bertha**

Resumo: Conferência realizada no salão nobre do diário carioca *Jornal do Commercio*, no mês de Agosto de 1914, no Rio de Janeiro. A autora feminista começa destacando a dificuldade de estudar e analisar as obras do filósofo, uma vez que elas são fragmentárias e assistemáticas, alegando ser por isso pouco conhecido em seu meio. Discorre sobre diversos temas de sua filosofia, como a moral, a arte e a mulher, mas não se aprofunda em nenhum deles.

Palavras-chave: Nietzsche – moral – arte – mulher

Minhas Senhoras, meus Senhores – Escolhi justamente Frederico Nietzsche para o meu tema, por ter certeza de que, apesar de se ele o filósofo genial do século, ainda se conserva mui pouco conhecido no nosso meio. Quantas vezes meus ouvidos hão sido feridos por críticas descabidas, oriundas da ignorância total dos seus trabalhos. Hegel dizia que, para se compreender o seu Panteísmo, era mister nascer-se hegeliano. Creio poder dizer o mesmo em relação a Nietzsche.

Para penetrarmos em sua ideia, necessitamos de grandes disciplinas especulativas, de vasta convivência com as leituras metafísicas, de hábitos de erudito... Ele não escrevia para o público..., ele

* Conferência realizada no salão nobre do *Jornal do Commercio*. Depois editado no livro *Estudos*. 1ª série. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1920.

** Albertina Bertha (1880-1953). Escritora, romancista, ensaísta; fez parte da Academia de Letras de Manaus.

se dirigia aos intelectuais, aos insignes cultores das letras: hajam vista as citações gregas que a todo o momento cortam os seus períodos e que ele não se dignou de traduzir. Os seus pensamentos por vezes se enfeixam em símbolos maravilhosos.

Veste-lhe sempre a frase uma nebulosidade cintilante e ardente, que fascina. É um poeta aturdido pelo som da vida e do Desconhecido. Procurou concretizar o que é ainda informe e caótico. Não aconselho, entretanto, a leitura das suas obras àqueles que vêm de deixar a adolescência, àqueles que se encontram ainda na incerteza, no encantamento dos momentos que se sucedem... Nietzsche deve ser meditado em plena virilidade, quando já retemos em uma das mãos a experiência, o sofrimento, a lia das horas que já foram... Não podemos estudá-lo fragmentariamente, porque a sua filosofia não obedece a sistemas, não tem ordem, não é catalogada; daí a grande dificuldade de ser ele abordado, compreendido e analisado. As suas teorias se derramam pelos seus múltiplos livros em períodos curtos, sintéticos que muitas vezes nada tem com os antecedentes.

*

Frederico Guilherme Nietzsche nasceu a 15 de Outubro de 1848¹.

Desde criança já possui os germes das grandes forças que o fizeram mais tarde um homem de exceção. A sua consciência infantil trazia hábitos atávicos: filho e neto de Pastor protestante, não tolerava a mentira e castigava-se quando cometia alguma falha; nessa idade já usava da crueldade para consigo mesmo, esse mandamento capital da sua moral, essa palavra de significação dupla da sua filosofia.

¹ O ano correto do nascimento de Nietzsche é 1844 (nota do editor).

Aos nove anos compunha versos, poemas, endereçados aos seus parentes, melodias, músicas sacras que tocava no órgão de Röcken.

Frequentava o Colégio de Nauburgo, a sua superioridade se revelou de modo tão extraordinário que os professores aconselharam à sua mãe que o enviasse para a Escola Superior de Pforta, regida pelos monges de Cister, onde se educaram as grandes celebridades alemãs: Novalis, Schlegel, Fichte. Contam-lhe os biógrafos que certa vez em uma aula de História, como os seus colegas se recusassem acreditar no ato heroico de Mucio Scaevola, Nietzsche, silencioso levantou-se, abeirou-se do fogão, tomou uma brasa acesa e deixou-a arder sobre a palma da mão. Professor e alunos fizeram-lhe uma ruidosa ovação; todo o resto da sua vida, Nietzsche olhava essa marca com orgulho e carinho.

Embora no vestíbulo da existência, esse mancebo de olhos violentos e de talhe esbelto, vivia retraído, afastado, sem amigos, preocupado com as indecisões do destino, todo entregue às suas reflexões, à poesia, à sublimes da natureza. Gozando um mês de férias em Weimar, escrevia em êxtase diante de um crepúsculo que apenas surgia, no momento rápido em que a luz se desliga da treva: “É a minha vida que descubro.... Vede como se grupam os meus dias: uns retidos na penumbra, os outros exaltados, livres... E neste belo mundo há infelizes... Mas que será pois a infelicidade?...”.

O seu espírito, que parecia conter a avidez do universo, se arrojava afoito, denodado, a todas as leituras e ele escrevia sempre, continuamente, atanzado por essa tirania incoercível das almas plenas. Os seus poetas favoritos eram Schiller, Byron, Hölderling, mas a sua admiração transcendente, a sua volúpia clássica pertencia à Grécia.

De passagem pela Universidade de Bonn, Nietzsche se dedicou à Filosofia como disciplina aos seus devaneios místicos. Finalizou os seus estudos em Leipzig. No dia em que se inscreveu nessa Faculdade, celebrava o Reitor o centenário da inscrição de Goethe, e Nietzsche sentiu-se feliz dessa coincidência.

Data daí o seu encontro com “O mundo como vontade e como representação” de Schopenhauer. Nietzsche rendeu-se total a essas teorias audaciosas e estéreis de um mundo sem divindade, sem proteção do céu, regido por uma vontade que vinha de descobrir, embora essa verdade fosse ácida, inumana, e ele escreveu à sua irmã:

“Que buscamos nós? O descanso, a felicidade? Não, a verdade, mesmo terrível e má”.

Essa apoteose ao mestre bem amado teve curta duração. Afrouxou com os anos, com a sua observação progressiva, ascendente.

Depois de obter o seu diploma, Nietzsche foi nomeado professor da Universidade de Basileia. A sua primeira preleção discorreu sobre a *Ilíada* e a *Odisseia*, com grande sucesso. Toda a burguesia de Basileia correu para ouvir o jovem professor, cujo gênio já se irradiava.

Wagner, que lhe era quase vizinho, recebeu-o com grande entusiasmo na sua residência de Tribschen. Nietzsche sentiu-se obumbrado, ao lado desse homem de 59 anos, transbordante de exuberância e de criações vindouras. Estabeleceu-se entre ambos uma amizade íntima, deliciosa, estimulante, toda feita de silêncio e de trabalhos, de Arte e de Beleza.

É com louca saudade que, mais tarde, Nietzsche se refere a esse ambiente, a que uma mulher genial, filha de Liszt, emprestava a sua graça, o seu encanto. E ele então nos fala dos olhares profundos que ambos trocavam, da sua silhueta fina, flexível, de sinuosidades tentadoras, das suas mãos alvas de tuberosa, dos seus dedos esfuziados, ligeiramente incendiados.

Quando arrebentou a guerra franco-alemã, Nietzsche se encontrava, em um albergue nas montanhas, a escrever sobre o lirismo grego. Assim que lhe chegou a notícia das primeiras vitórias dos Alemães, ele sentiu virem-lhe à tona paixões marciais – o ardor, a impaciência, todas as vibrações de patriotismo. Pediu licença, alistou-se como enfermeiro e seguiu para Metz, convertida em um grande hospital. Passaram-lhe pelas mãos centenas de infelizes; acotovelou pela primeira vez, sem aversão, a vulgaridade das multidões; fez o seu dever com bondade e carinho, preso de

um entusiasmo heroico e sagrado. A sua imaginação, porém, não se detinha no meio de tantos horrores; alava-se, parecia-lhe ver, apalpar, segurar a fatalidade, que a cada instante descia sobre os soldados: porque a morte na guerra não é um fantasma invisível, pérfido, ardiloso, que se esgueira para dar o golpe... não... ela é a nossa irmã, a nossa companheira fiel, um adversário leal que mata em luta aberta, porque venceu, porque foi o mais forte na peleja...

Esse contato diário, como o homem, obrigou-o a lidar com a realidade que tanto detestava: o grande teórico se deslocou, deixou o mundo abstrato, passou a analisar a vida, a desfibrar a dor, a gozar-lhe o sabor, a arrancar-lhe das entranhas um gemido contumaz e sombrio...

Ao regressar, Nietzsche já não se sente ele mesmo. Oh, as mudanças por que passara! As suas energias despertaram; troavam-lhe ainda nos nervos, mentalizando-os, o estridor da metralha, a fanfarra da vitória, para dominar, que une, prende, incendeia as consciências, tornando-as uma só essência vibrante, formidável...

E ele canta um hino à guerra, que exalta os povos e que leva aos espíritos as desordens da glória, do dever, da dignidade...

Nietzsche é o expoente do mais alto idealismo: em todas as suas manifestações, o senso prático se oblitera: ao falar da guerra ele não se recorda dos danos materiais, das privações, da miséria, das grandes calamidades que vêm de roldão e que se apossam das nações, dos Governos e dos indivíduos.

Em seu caderno anota: “A guerra: a minha mais profunda dor, o incêndio do Louvre”.

Ao Barão de Gersdorff envia as seguintes frases: “Ao saber dos incêndios de Paris, fiquei durante alguns dias completamente aniquilado, perdido em lágrimas e dúvidas...”.

Pelo que acabo de expor vemos que a Arte, o Lirismo são-lhe venenos permanentes, a chaga divina das suas células, a sua renitência dourada e incisiva...

Nessa guerra, ele recebeu o batismo das emoções trágicas; estagna-se lhe, pela primeira vez, nos pensamentos, a ideia da tragédia.

Mas a sua tragédia não representa a nudez da Dor, não traz o traço do terror, do sobrenatural, não tem o desespero de Orestes; não lhe atravessam a retina as sombras, as formas apagadas, criminosas, que deslizavam ante os olhos de Cassandra, em suas visões proféticas; nem divisa diante de si, líridas, as mãos homicidas de Lady Macbeth... Ela personifica uma força; é o limite, o fim, a última etapa de uma complexidade superior. É havermos o abalo das grandes adversidades e resistirmos a ele, de pé, firmes, inabaláveis, a sorrir...

Ainda enfraquecido, mal curado de uma difteria apanhada em Carlsruhe, evitando as virtudes provincianas de Naumbourg, Nietzsche vai a Tribschen, em busca de sensações clássicas, de frêmitos gloriosos, e encontra Wagner ridente, prestes a realizar o seu sonho de Bayreuth, satisfeito com a vitória dos Alemães e terrivelmente sarcástico para com os Franceses. E o filósofo que o conhecera sempre grave, circunspecto, ponderado, nota com magoa, que a alegria o torna vulgar, que ele já não é mais o herói que admirava, mas um homem irascível, imperfeito, vingativo e nas suas notas lê-se:

“Wagner não tem a força de fazer os homens livres e grandes ao redor dele; Wagner não é seguro; ao contrário, é desconfiado e altivo”.

Desde esse encontro, a amizade entre ambos, começa a diminuir, a escassear até transformar-se em verdadeiro rancor que os leva a uma ruptura formal.

Pretendem os biógrafos descobrir nesse gesto de Nietzsche um ato de despeito: dizem que ele não podia perdoar ao amigo o seu grande amor por Cosima, e atribuía os êxitos, os seus triunfos unicamente à influência, à direção dessa mulher formosa e genial.

Data daí o aparecimento do primeiro trabalho de Nietzsche, “A Origem da Tragédia”, calorosamente elogiado por Gersdorff, Röhde, Overbeck, mas friamente aceito pelo público e pelos seus colegas universitários.

Esse insucesso o surpreendeu, mas não o abateu. Pretextando uma afecção da garganta, ele se retirou para as montanhas, onde

se sentia maior e mais audacioso, embora Mne de Mayenbourg o chamasse para Florença, dizendo-lhe: “Aqui reina o Apolíneo”. Os seus nervos de escritor irritado pediam a paz, a solidão, a luz amortecida, a sombra do arvoredo, o coração fresco das florestas, enquanto os seus pensamentos, por via do seu livro, eram atassalhados, sorvidos, renegados ou saboreados.

Os dias se gastavam em estudos profundos, mas o seu espírito ainda permanecia dúbio, indeciso ante o rumo a tomar: ora dava preferência à crítica, ora à filosofia, ora inclinava-se para a música. As suas ideias ainda erravam insaciáveis, andavam atrás de seiva, de viços, de fermentações extraordinárias; não se individualizavam.

Por tempos agonizava-o a monotonia da vida. A presença de sua irmã Elisabeth, amorosa, dedicada, inteligente, lhe não bastava. Melancolias acerbas se lhe enroscavam pelas vísceras, devotavam-lhe o âmagô. Fugindo a um desses acessos de nostalgia bravia, ele seguiu para Roma, e aí conheceu Lou-Salomé que já o admirava e o compreendia. O choque fatal chegou-lhe. A sua sensibilidade, o seu lirismo necessitavam dessa desordem, desse acorde formidável; o seu Poema e a sua Filosofia iam surgir: ele apaixonou-se loucamente por essa rapariga intelectual que ousava contradizê-lo, e que o escutava com emoção profunda. Nietzsche inicia-a no mistério da Dor:

“A dor, dizia-lhe ele, é a nossa vida e o nosso próprio destino. Detenhamo-nos nela, esposemo-la; amemo-la de um amor ativo; sejamos, como ela, ardentes, implacáveis”.

Dias depois, ele recebia da “jovem Russa”, como a chamava, um hino breve, curto:

Comme l’ami aime l’ami,
Ainsi je t’aime, vie surprenante!
Que je jubile ou pleure en toi,
Que tu me donnes souffrance ou joie,
Je t’aime avec ton bonheur et ta peine:
Et si tu dois m’anéantir,

Em te quittant je souffrirai.
Comme l'ami qui s'arrache aux bras de l'ami,
Je t'étreins avec tout ma force:
Si tu n'as plus aucun bonheur pour mot,
Soit Il me reste – ta souffrance.

Nietzsche, maravilhado por essa mulher de imaginação e de ardor, propõe-lhe uma união mística, insiste em havê-la sempre ao seu lado: mas Lou recusa, temendo-lhe o gênio violento, imperioso, dominador, e oferece-lhe, de retorno, uma simpatia toda espiritual. Desconfianças infundadas surgem, talvez arremedos de ciúme. Nietzsche zanga-se e retira-se para Genova, depois de lhe ter enviado frases amargas, como estas:

“Não sentis, pois, que, quando um homem, como eu, se apaixonou de vós, tem muito que se conter?”

A felicidade, a tristeza, a desilusão, essa corrente nefasta e importuna, seguiram sempre, sem cessar, as pegadas do grande Pensador. O seu gozo foi rápido.

Passou-lhe pelo ser, célere, abrupto, vertiginoso. Dir-se-ia o riso satírico do Destino ou o escárnio vingativo de sensibilidades feridas, já mortas. É no ermo, todo entregue a um trabalho árduo que ele vai apagar, vencer, a humilhação que vem de sofrer.

As suas energias vivificadas agora pelo seu organismo mais sadio, e pela dor de um amor infelizmente, pediam espaços infinitos, acidentes de êxtases: essa mulher de sedução e de espírito, rápida e fugitiva, lhe acordara, na sua passagem veloz, violências primitivas, a volúpia da ideia eivada de matéria e flamas, o deslumbramento da vida, com a sua efervescência contínua e a sua sublimes sempre ascendente, todas as danças estranhas das aparências mórbidas e das transições latentes... Os seus ritmos, cânticos, poemas, exaltações à Alegria, à Vida, à Perfeição Humana.

As suas faculdades criadoras se afinavam, ávidas de azul, de clamores estéticos, de contornos de pureza, de verdades, de forças combativas e ele se moldava de todas as formas falsas de uma moral

falsa, lapidava-se, despia as linhas frouxas que o orlavam de um pessimismo demolidor, pisava mentiras acumuladas pelo engenho ou pela astúcia do homem, detinha em suas mãos de fanático de grandezas, as consciências vis, a exterioridade hipócrita, os hábitos assumidos e aceitos por inércia mental, impunha valores novos, imprecava pela regeneração, admitindo, porém, os fracos com a sua mediocridade, as suas tibiezas, toda a legião dos maus, dos nulos, nesse mundo que ele considerava um caos de tendências infrenes, uma anarquia multicolor. E Nietzsche concebe a criação de outra moral, de uma nova filosofia: materializa, dá sensibilidade, vida fisiológica à ciência do conhecimento de Kant: é a condensação da inteligência pura, o seu domínio integral no indivíduo, o enfraquecimento de todos os outros instintos para a sua estratificação intensa.

Nietzsche ambicionava a grande pausa na beleza, o delírio branco, do asceta consciente, as visões abstratas da perfeição, a voracidade tenaz, o vampirismo insofrido para outros apogeu, para outros céus, outras eternidades, outros fins, sem deuses, sem recompensas, sem venturas derradeiras – um *estado a priori* – e ele idealizava o Super-Homem, imagem de si mesmo, com as virtudes da sua fraqueza física, dos seus estados mórbidos, das suas magnificências de caráter e de dignidade orgulhosa, das suas excelências de tipo superior: “O que o homem quer, o que a mínima parcela de um organismo vivo quer, é um aumento de poder”. Traduzimos essas frases por essas simples palavras que são bem toda a sua nova filosofia e moral: “Mais, ainda mais, sempre mais!”. Para ele, não há etapa, não existe limite, é o vácuo sem termo.

O Paraíso do Cristão e esse infinito imponderável, informe, essência da Beleza, são idênticos: – imobilidade em gozo – um é a esperança para o espírito quando liberto dos fragores da sensibilidade, e a morte, nesse caso, se nos deve antojar, antes como sendo uma perfeição do que uma destruição; afinal, que nos importam os tecidos corporais! São substâncias químicas que voltam para a terra, essa mãe fecunda, prolífera e assimiladora; o outro é o auge do nosso *eu* pelo nosso próprio esforço, pelo nosso isolamento,

abstenção, afastamento das coisas mundiais e sociais; é o prazer da razão pura através do senso.

Para conseguir esse *desideratum*, Nietzsche usa dos mesmos recursos dos ensinamentos cristãos, embora as conclusões sejam diversas: temos que subjugar, refrear, enterrar as nossas inclinações, os nossos hábitos atávicos, as nossas desordens pelo sentimento do poder. Ele nos ensina a praticar a crueldade para conosco, mas a sua crueldade é igual à dos Stoicos, à dos Spartiats: nunca ceder, tanto para si como para outrem. Por intermédio dela o homem atinge ao mais alto grau do dever, da honra, da justiça e da bondade viril; viril, digo eu, porque muitas vezes damos o nome de piedade a um ato de fraqueza. Devemos flagelar a consciência, superar a veemência das nossas paixões sem, contudo, enfraquecê-las. Esse modelo do Paganismo vem a ser o Santo da nossa religião, o Asceta dos Hindus, porém não como esses eleitos, de instintos mortos, cicatrizados ou extirpados, invadidos de paz, de calma, de misticismo, apenas atormentados pelo estertor divino, pelo desejo incoercível de Deus: Zaratustra, o super-homem, é um ser onde paixões infrenes, vivas, integrais, raíam; onde o bem e o mal se agitam; onde o amor à terra, à alegria, ao grande estilo, domina; onde a vontade é livre, solta de todas as cadeias passadas, formuladas como dogmas inconcussos. Ele transforma a sensualidade em idealismo, em ebriedades transcendentais... Embraga a Sensação Apolínea, a Sensação Dionisíaca. É um epicurista subjetivo. Eu o comparo a um rio imenso, caudaloso, bramante, enrolado de sol, fechado nas suas bordas estreitas, sempre a rolar sobre si mesmo, a se saciar de si mesmo, egoísta de si... O Super-Homem rege-se, delicia-se, não se dá, vence-se, mas não se destrói... É o instinto da vida, é a Plenitude, é a Torre Ressoante erguida no Éter luminoso, na estridência magnífica das coisas que criam, recebendo no seu som, todos os sons do Universo... Assiste impoluto, em Beleza, ao tumultuar das multidões, no grande espetáculo da vida....

De todos esses estados privilegiados, o que me parece quase inacessível, irrealizável é o de Nietzsche porque requer culminâncias,

disciplinas de inteligência, altivez, heroísmo para o sofrimento, sem, entretanto, as promessas, os gozos da Bem aventurança futura; é um estado que arrasta atrás de si lutas, inimizades, desafios, atitudes gregas, a dor, os obstáculos.

“Assim falava Zaratustra” é o menos teórico dos seus livros; é antes um Poema impregnado de lirismos estranhos, de símbolos delirantes, quase invioláveis: são exortações soberbas; as vibrações históricas de um gênio, de um Homem fechado no Lunatismo de Perfeição à humanidade inferior, desalentada...

Vejamos a beleza desse Poema em prosa:

“Do grande desejo”

“Ó minha alma, ensinei-te a dizer: hoje, como outrora, antigamente e a dançar a tua ronda acima de tudo o que está aqui, ali, além.

Ó minha alma, lavei de ti, todos os pequenos pudores e a virtude dos hipócritas e persuadi-te a desnudar-te diante do sol.

Como a tempestade que se chama “espírito” soprei sobre o teu mar marulhoso: expulsei dele todas as imagens e mesmo estrangulei o degolador que se chama “pecado”.

Ó minha alma, dei-te o direito de dizer “não” como a tormenta e de dizer calma como a luz diz “sim” como diz “sim” o céu aberto: estás atualmente calma como a luz e passas através das tempestades negativas.

Ó minha alma, dei-te a liberdade sobre o que está criado e sobre o que está incriado: e quem conhece como tu a volúpia do porvir?

Ó minha alma, dei-te nomes novos e alegrias multicolores, chamei-te “destino” e “circunferências” e “alimento” do tempo e “campanário azul”.

Ó minha alma, compreendo o sorriso da tua melancolia: a tua abundância estende agora as mãos cheias de desejos!

A tua plenitude alonga os seus olhares sobre os mares braman-tes, procura e espera; o desejo infinito de plenitude lança um olhar através do céu sorridente de teus olhos!

Mas, se não queres chorar, chorar até ao esgotamento, a tua melancolia de púrpura será necessário que cantes, ó minha alma!

– Vês, sorrio de mim mesmo, eu que te predisse o seguinte:

Cantar com uma voz forte, até que todos os mares silenciem, para o teu grande desejo.

– até que sobre os mares silenciosos e ardentes paire a barca, a maravilha dourada, cujo ouro se rodeia da cintilação de todas as coisas boas, más e singulares:

E em verdade, já o teu habito tem o perfume dos cânticos do porvir.

– Já queimas e sonhas, já a tua sede bebe em todas as fontes consoladoras de ecos graves, já a tua melancolia descansa na beatitude dos cânticos do Porvir!

Ó minha alma, tudo te dei, e mesmo o que era o meu último bem, e minhas mãos se despojam por amor a ti: – disse-te que cantasses e foi o último tom.

Assim falava Zaratustra”.

Frederico Nietzsche é um niilista, porém um niilista gerador; o seu niilismo não é a depressão de forças superiores como ele declara, não contém o gesto do “em vão”, é ao contrário uma forja rubra, ardente, voraz, que destrói para criar valores novos; e faz com audácia, a convicção de um deus. O seu niilismo é, pois, a explosão de forças contidas, o fim supremo de uma reação, a demolição de conceitos anteriores, o aparecimento de ideias novas, o recuo do classicismo, da metafísica para o triunfo completo da verdade. Para haver essa verdade, diz ele, foi preciso que passasse pelo niilismo. E a sua verdade, tomada como condição de vida, é a “não verdade”, a mentira, a ilusão, a realidade, o que escapa à análise integral, o que não suporta uma definição total. Ele vai estudar nas aparências os seus fenômenos, a sua natureza, e nada mais: não aspira absolutamente a rasgar os mistérios da “origem” e dos “motivos”.

Na “Vontade do Poder”, livro combativo, verdadeiro trabalho filosófico, Nietzsche levanta críticas formidáveis contra os seus antecessores. Nega o “ser em si” de Kant, como sendo impossível a separação do sujeito e do objeto. Transforma a “Vontade” de

Schopenhauer, tida como a “coisa em si” em “Vontade do Poder”, que vem a ser a essência íntima do ser, a forma primitiva de todas as paixões, a força, a causa ativa na química e na ordem cósmica, a constância da energia, o máximo da economia no consumo.

A sua significação é extensiva, ampla, universal; nos escravos, nos oprimidos, a vontade do poder, é o desejo de liberdade; em uma espécie mais elevada ele se manifesta como sendo a vontade de superioridade, a justiça, a igualdade dos direitos; nos temperamentos independentes, corajosos, ela aparece sob o nome de amor à humanidade, ao povo, a Deus, ao Evangelho – é o maquiavelismo inconsciente – acrescenta Nietzsche.

E para demonstrar a verdade das suas teorias afirma-nos que todo estado deveria conservar-se, se não encerrasse em si um poder que consiste justamente em não se querer conservar, porém tornar-se mais do que é. Que é a alegria? Senão o sintoma de que o poder foi atingido. A alegria na concepção nietzschiana não é como a dor, um fenômeno mental, porém, a percepção de uma diferença. A vida, exclama ele, é uma vontade de se acumular, é a aspiração para um sentimento máximo de poder.

É um espetáculo curioso, assistirmos aos embates dessas ideias geniais: ei-las como passagens soberbas, líricas, severas, profundas. Para mim, a vontade de “Poder” é uma teoria monista, ela representa uma das múltiplas formas que desde os tempos primitivos atormentam a humanidade. Não será ela, pois, o “atomismo” de Demócrito? a “harmonia” de Pitágoras? a “alma” de S. Tomas de Aquino? o “espiritualismo” de Leibniz? o “absolutismo” de Fichte? a “substância” de Priestley? a “energia” de Meyer?

Se de um lado apresenta fundamentos inconcussos, capazes de sofrer incólumes a síntese e a análise... de outro lado balança, hesita, imperfeito, inexplicável, inviolável.

Abordando a *causa e o efeito*, Nietzsche aceita o fato, porém não atribui a um a faculdade de provocar e ao outro a de ser provocado: é a luta entre dois elementos de poder desigual, sendo o segundo radicalmente diferente do primeiro.

Referindo-se à lógica, segundo o princípio de contradição de Aristóteles, ela vem a ser, explica ele, com a irreverência magnífica do gênio, um imperativo, não para o conhecimento da verdade, mas para a fixação, a conciliação de um mundo que devemos chamar de verdade. A lógica, então, é a tentativa de compreendermos o mundo verdadeiro, segundo um esquema do ser, fixado por nós.

Para esse grande demolidor a virgindade de um axioma, a impossibilidade de o violentarmos, não é devido à sua hierarquia de verdade, mas à incapacidade do nosso espírito, manifestado pela sujeição subjetiva.

Em psicologia nega o livre arbítrio; o nosso *eu*, diz ele, é apenas o instrumento cego de instintos rivais, em luta.

Nietzsche já previa os serviços mútuos e eficazes da Psicologia, de Sistema Nervoso.

A sua definição da consciência é um exemplo: A consciência é um conjunto sensorial, uma instância superior, um meio de comunicação, um órgão condutor.

Vejamos agora a opinião de Grasset nas suas conferências feitas na Faculdade de Montpellier em 1908: a consciência é uma função de certos neurônios físicos superiores, uno e indivisível.

E a psicologia clássica nos ensina que a ciência é a percepção imediata que a alma tem de si mesma e dos seus fenômenos atuais: é uma testemunha.

Essas três definições representam a evolução do pensamento humano sob a influência das descobertas científicas, dos trabalhos de laboratório: o detalhe, o particular se desagregando da totalidade, das noções gerais.

A intuição extraordinária desse filósofo já o fazia escrever, em 1887, que nada existia de invariável em química: supor o contrário é errar, é cair em um preconceito de escola; o trabalho molecular, na sua transformação, faz da matéria uma outra matéria, conclui ele. Ora, encontramos nessas suas frases a confirmação dos estudos de Mme. Curie e de Lodge, professor da Universidade de Birmingham, que no seu livro “*La vie et la matière*”, de 1909, assim se exprime:

“Sabe-se hoje que os átomos da matéria não são coisas indestrutíveis e imutáveis como se cria outrora. Não podemos decompô-los, é verdade, mas eles estão sujeitos a decomposições, a explosões espontâneas e resolvem-se assim formas simples”.

Nietzsche refuta as teorias da evolução de Darwin; não admite formas intermediárias. A utilidade de um órgão não explica a sua origem, afirma-nos, ele, categórico. Cada tipo possui o seu limite.

Em tudo preside uma regularidade absoluta. Aceita o homem de gênio como um caso normal e não como um “golpe de acaso”; apenas lamenta a fragilidade, a pouca duração, a esterilidade dos seres complexos, dos tipos superiores. Oh! A sua ironia, o seu rancor, a sua impotência ante a vilania da fatalidade, ante a vitória dos decadentes, ante a preponderância dos inferiores, ante a força dos fracos produzida pela sua coletividade, pelo seu instinto de rebanho, pela sua humilhação, pela sua pusilanimidade de nunca se revoltar, de nunca imprecar, de nunca investir, de dizer sempre sim, porque cem gerações já disseram sim...

Como Nietzsche nos passa através dos seus frenesis, da sua violência, da sua sensibilidade viva e fremente, abrupta e açacalada essa grande nostalgia, essa melancolia, grave, temerosa de uma consciência que vê a extinção lenta, a queda de uma raça de eleitos. A sua moral é o grito de alarme, a defesa, a proteção, o estimulante máximo, o viço estridente, a nevrose de grandezas eternas para a conservação o argumento, a multiplicidade, do indivíduo superior.

A moral nietzschiana não é dogmática, uniforme, não se firma em bases clássicas, não tem o espírito pesado de eras priscas, quando nós apenas possuímos as grandes linhas da sensibilidade, quando ainda desconhecemos esses males subtis, essa vertigens de luz e sombras, essas agonias estranhas, inexplicáveis, mas terrivelmente dolorosas que são a morte e a vida dos nossos nervos, o seu gozo ou o seu suplício...

A sua moral é exclusiva, individual, extremamente subjetiva, feita de duas categorias: uma para os fortes, outra para os fracos.

Aos primeiros, às naturezas plenas, a esses seres privilegiados,

artistas do pensamento e da ação, que sabem governar-se, manejar as paixões em proveito próprio, desviar as reações, ela tudo permite para a sua existência, o seu equilíbrio na vida universal: aventuras, incredulidades, repouso, o próprio excesso, a impiedade, a rudeza.

Essas concessões fariam perecer as naturezas médias, inferiores... Para essas atingirem a perfeição, bastam a regra, a moderação, as virtudes do rebanho, a atividade, as convicções...

Os fortes passam a sua exuberância, as suas riquezas de emoção a todas as coisas onde seus olhos batem; ao arvoredo, às nuvens, ao movimento, às substâncias, às formas informes dos sentimentos e das concepções... É o grande Dádivoso a luzir, a dourar, a divinizar as aparências... é o receptivo maravilhoso das vibrações líricas do senso da terra e do homem.

Ao passo que o fraco veste com a sua anemia subjetiva tudo que vê e sente: diminui, empobrece, desfigura, envenena, rebaixa os seus atos e os dos seus semelhantes: a sua virtude quase sempre não é natural, não tem raízes no céu, não é filha da decisão, da força de vontade, da repressão; ele é virtuoso por temor à sociedade, aos preconceitos, à sua incapacidade de resistir e de impor-se – é, portanto, Decadente, o Parasita do Forte.

Nietzsche insiste em chamar-nos a atenção para dois estados absolutamente diferentes, embora de aspectos semelhantes: – *o repouso da força* que consiste em se abster da reação e *o repouso do esgotamento*, a rigidez que vai até a anestesia.

O nietzschiano deve ter pensamentos e ação; ter todos os fulgores aristocráticos das sensações fortes, todas as virtudes proibidas à mediocridade.

Esse filósofo admirável do Esteticismo e da Solidão, quando se refere à Paixão o faz com entusiasmo e calor. Ele a venerava como veneramos a morte, lhe sentia o frêmito radioso, a anarquia alucinante, o heroísmo... via-a como necessidade imperiosa para a harmonia do ser com os deslumbramentos do mundo externo... “Não poderíamos passar sem a paixão. Temos necessidade do que é normal; com esta grande moléstia, damos um abalo formidável na vida”.

Mais adiante ajunta: “devemos dominar as paixões e nunca enfraquecê-las ou extirpá-las. Quanto maior for o poder da vontade, tanto maior será a liberdade das paixões”.

A paixão é um apogeu de virilidade e de exaltação divinas. Ela traz-nos ineditismos de arte, renovações salutares, surpresas, encantamentos... Estagnamo-nos no senso, à guisa de uma rosa da Palestina com as suas 130 folhas trespassadas de anciãs, de imoderações, de louco romantismo... É havermos, nas paredes estreitas do ser, o Espaço, o Infinito, a Imortalidade com as suas fomes, os seus delírios, as suas contorções estéreis, insatisfeitas, bramantes...

É sentirmos nas artérias, a pulsação estuante, brávia, dos corações sanguíneos, que amam e dos corações mortos, desfeitos, mas que esperam ainda... É recebermos, no senso, o gesto rudimentar de amor, de aproximação, de afinidade, dos metais, das pedras, das consciências elementares...

Mas... ela tem a duração escassa de uma tormenta: é o alarido fugaz de mistérios que pedem florescências... é o desdobramento, imensurável de uma dominação... é como a nuvem erradia que, por momentos, prende em seu bojo o sol esplendido... é como a saudade demente, voraz, do vento pelo mar... da luz pelas trevas... lembra a carícia ousada, cantante da onda na rocha fria, o embate violento, eficaz de asas que se encontram... É o êxtase para a vida, para o éter, da semente que irrompe, que surge... é a volúpia das frondes pela nostalgia das luas cheias... é o determinismo vezano da estrela que se funde e outra estrela... é a ardência perfeita do Meio-Dia, possuindo a Terra em um abraço de fogo... é o auge de todos os sons... é uma tuba inflamada e estridentes... é o grito de Santa Tereza... é o beijo de dois corações embutidos um no outro...

Louvemos esse instante, febril, áureo, criador de nevroses, de melancolias profundas e loucas... Nas celebrações superiores, a paixão se não objetiva somente em demonstrações amorosas; vai além do bem e do mal, fixa-se em poemas admiráveis, em ritmos estranhos, em estrofes soberbas e clássicas, em perfis que são o testemunho flagrante de uma época; é então um fragmento do passado

eternamente presente, é a materialização das virtudes, dos vícios, dos crimes, das tragédias, dos sentimentos, da cultura, da educação de um povo, de uma era; é o “sim” e o “não” de uma geração levando às adolescentes vindouras, à posteridade, às imaginações núbéis, o facho fecundante, raio vivificador de outras inspirações de outros sopros.

Nietzsche não lhe temia os seus exageros nocivos nos temperamentos artísticos, porque o talento é egoísta, zeloso, vive vigilante, é atalaia esperta contra o desperdício de forças, impede-lhe os estragos corrosivos, irremediáveis, no organismo, não se deixa alienar ou subjugar totalmente... ele reclama para si todas as homenagens, todas as atenções, todo o poder. Daí, diz ele, a castidade dos grandes escritores como Stendhal, Th. Gauthier, Flaubert Goethe: “Sucumbir neste caso, gastar-se, é perigoso para o artista, é sinal de decadência – desvaloriza a sua arte de um modo incalculável”.

Vejamos agora o que esse filósofo glorioso diz de nós outras mulheres: apesar da sua intuição afilada com foros de profecias, da sua psicologia terebrante e extremada que, à feição de um estilo rompia as consciências, os semblantes, as tradições, a história, as ciências e qual flecha sedenta chegava até aos acontecimentos, às coisas futuras, demonstrando a verdadeira perspectiva do gênio, que se desloca da atualidade para se transplantar a um período remoto que ainda virá a ser... Nietzsche não teve de nós outras, mulheres, uma opinião cabal, exata; apenas beirou a realidade da nossa estrutura moral. As suas referências são sombras ocas, ironias para provocar o sorriso, ou, talvez, vinganças de despeitado, floração de mau humor... São chicotadas de quem nunca foi amado, de quem nunca recebeu o carinho, a meiguice, a febre de uma mulher de espírito e de beleza.

Se ele se limitasse somente a condenar o feminismo como o maior dos flagelos europeus, se ele somente declarasse, como o fez, que quanto mais a mulher adquire direitos sociais, mais ela se aliena da mulher... estaríamos de pleno acordo, aplaudiríamos esse defensor da nossa linda fragilidade, dos nossos encantos máximos

perante os homens... mas, não; quer-nos mentirosas, ignorantes, sem profundezas de engenho, apenas *uma gota perigosa e bela*, para a sedução do homem... entretanto, as duas únicas mulheres que amara, eram duas intelectuais, dois seres de mistério e de contradições magnificas...

Ah, ai de nós, se nos tempos hodiernos, conservarmo-nos na ausência total dos estudos. Aonde buscar então, essa renovação eterna, esse renascimento incessante para retermos, fascinar-mos, prendermos o homem, haver-mo-lo sempre ao nosso lado, inteiramente nosso, como um marido amante e orgulhoso?...

O homem de hoje, culto, ávido de emoções, difícil de ser contentado não deseja encontrar na mulher, um teorema, um relógio de precisão, um maquinismo de pontualidades; haja vista “*Les petits misères du mariage*”, de Balzac.

Devemos ser-lhe um obstáculo infinito para a curiosidade, um feixe de complexidade divinas, a sua perplexidade constante... Não lhe sejamos a calma, o sossego, a certeza, uma coisa totalmente possuída... Se o formos, de verdade, pelo nosso devotamento e amor a ele, não lhe deixemos perceber, porque, do contrário, nos relegará a um segundo plano, à maneira de um objeto sem interesse, por demais monótono e insípido. Não o condenemos, é-lhe uma imperfeição atávica, ainda um instinto menor, vestígios hereditários de uma presunção de superioridade.

É preciso que o nosso marido anseie por nós, nos tema, acredite estarmos sempre com o pé na tragédia... Veremos, então, o milagre movimentar-se: o seu fervor redobrar-se, a sua admiração, o seu zelo, a sua ternura estarão continuamente sobre nós; os seus pensamentos, os seus desvelos, os seus anelos nos envolverão em atmosferas ridentes, em arco-íris festivos, em carinho, em amor...

Aos senhores que me ouvem, um esclarecimento, um conselho, um aviso: A nós, mulheres deste século do espiritualismo, também nos não satisfaz haver-mos do homem a sua presença física e nada mais: exigimos-lhe as torturas metafísicas, a inteligência, a arte; queremos a fusão transcendente...

Cotejando os trabalhos de Nietzsche com a sua biografia, verifiquei, com prazer e orgulho, divergência notável que existe entre a sua opinião particular, o seu modo de proceder e os conceitos sobre nós emitidos, em seus vários livros. Conta Daniel de Halévy que, certa vez, na Alta-Engadine, uma inglesa de saúde delicada, a quem ele visitaria assiduamente, disseram-lhe: “Sei que escreve, Sr. Nietzsche. Desejo conhecer-lhe os livros”. Ele a sábia católica fervorosa. “Não, respondeu, não quero que os conheça. Se uma criatura sofredora, como a senhora, acreditasse no que escrevi não teria nenhum direito de viver”. Em outra ocasião uma moça abordou-o: “Já sei por que nos recusa os seus livros. Escreveu num deles: Se for à casa de uma mulher, não se esqueça do rebenque!” – “Cara senhora, cara amiga, retorquiu ele desolado, aflito, tomando-lhe ambas as mãos – desengane-se, não me deve absolutamente compreender assim”. Passando em Florença, certo domingo, à tarde, com Lansky, chegou-se lhe uma senhorita e perguntou-lhe se havia estado no templo. “Hoje, respondeu ele cortês, ainda não estive”.

O seu companheiro admirou-se a prudência da frase, e Nietzsche, então, explicou-lhe: “Nem toda a verdade é boa para todos. Se eu tivesse perturbado essa menina, ficaria desolado”.

Ora, um homem capaz desses refinamentos de sentimento, não se teria expressado sobre nós, como o fez, senão por desporto, por ceticismo elegante ou talvez por ser naquele tempo um “persiflage” adorável, um lindo gesto voltairiano, o dizer-se mal de nós...

Se, realmente, Nietzsche pensasse assim, não sofreria da solidão, do seu isolamento, da falta de uma companhia que lhe trouxesse todos os seus estímulos para a viva...

Às vezes os seus amigos lhe escreviam: “És um triste, porque te falta uma mulher; arranja uma digna de ti”. Essas frases pareciam despertar todos os clamores que lhe dormitavam no instinto... dir-se-ia que destinos se lhe agitavam no sangue, que auroras virgens, desconhecidas lhe baixava ao alcance, às volições famintas.

Nas pensões onde se hospedava, mostrava-se amável, atencioso, educado para com as senhoras que, embora o não compreendesse,

o admiravam. Às horas da refeição, disputavam-lhe o lugar ao lado, aflitas por ouvirem a palavra do homem que daí a pouco dominaria o pensamento universal...

Ser-me-ia impossível, senhores, falar de Frederico Nietzsche sem contar-lhes da sua arte.

A arte nietzschiana participa das suas teorias gerais, é a manifestação do Instinto do Poder. Traduz o reflexo, a sensação, as plenitudes do Super-Homem. São a natureza, os tumultos, o bem, o mal, percebidos através de nervos aristocráticos... A sua arte consiste na objetivação dos esplendores de Estética. É a posse total do mundo exterior pela Beleza; é a absorção da realidade pelo Ideal: é a alma do artista, a flama santa agindo em todas as essências, pulsando em todas as substâncias à semelhança de um coração juvenil, efervescente, multicolor, de cristal... “A arte é a afirmação, a benção, a divinização da existência...”.

“A arte é a ebiez de viver... e o amor é a forma transfigurada desta ebiez”.

Ele unifica a arte Apolínea à arte Dionisíaca: a primeira provoca em nós a contemplação, enquanto a última nos excita o instinto da criação intelectual...

Nietzsche declara que para o artista haver a perfeição, chegar ao auge da arte, é mister amar; ter a esporear-lhe as faculdades, a imaginação, as energias, esse sentimento último, não explosivo, mas fatal, destruidor, minaz... Antes dele, Carlyle já havia asseverado ser uma impossibilidade física e metafísica conceber-se o Poeta sem amor. “O amor é a função orgânica da arte”, escreveu Nietzsche na *Vontade de Poder*”.

No artista, o amor não é um acidente físico, uma contingência, uma loucura que passa: está-lhe nos átomos, nas células como o próprio ato vital; paira-lhe no senso qual evaporação violenta, estável, de uma ascendência radiosa, excelsa; é a sua beatitude, o seu sonho extraordinário, o seu frenesi, a serpe de ouro, o silvo envenenado das suas horas de lassidão e de febre produtiva – o amor para nós artistas é a consciência da nossa arte.

O gênio pagão de Frederico Nietzsche, o inspirador dos seus silêncios, da sua ebridez doentia pela vida gloriosa, o deus da sua arte, o seu símbolo amado, o seu filósofo, foi Dionísio, o equívoco e o tentador, como ele o apelidou. Nietzsche via nas verdades místicas desse culto, a afirmação do mundo e a transfiguração da existência, o enigma dos destinos e da origem da alma humana.

A morte e o renascimento dessa divindade representavam a decadência da natureza e o seu ressurgimento na Primavera: esse mistério havia em si a alegria e a dor, a penitência e a recompensa, a tragédia da lágrima e o rito do riso. Sófocles o chamava o “deus de muitos nomes”. Heródoto remonta-lhe a antiguidade às Índia, ao Egito, identifica-o a Baco, a Osíris.

A sua devoção chegou à Grécia por via de Creta: ilha fértil onde o mel e o leite corriam ao lado de vinhedos úberes. Esse rito à medida que se dilatava pelo Norte se transformava, tornava-se cruel, bárbaro, licencioso; as bacantes perdiam o seu feito feminino, já não eram mais criaturas de paixão: os seus esgares traziam o delírio provocado pela raiva de inimigos embriagados. A tradição as representa embravecidas, cabelos hirsutos, pupilas vítreas, a es-traçalhar os membros de Orfeu da Trácia. Mais tarde, porém, essa devoção se unia a uma outra mais pura, mais casta, mais solene – a Deméter, o culto da Terra: mãe de todas as coisas; a Vida viva, cantante, eterna... a Vida que exclama de contínuo, sempre, a todo instante, ao jeito de benção ou maldição: “Eu sou”... a Vida que só conhece o ritmo imensurável, tenaz, febril, da criação a murmurar ao universo, às suas próprias entranhas, à matéria desfeita: reproduze-te...

A alma forte, lírica, eminentemente grega de Nietzsche entregara-se a esse deus que encerrava em seu mistério o triunfo expressivo da *vida* e mesmo na dor, no sofrimento, na agonia ou desespero... “Dionísio roto, em pedaços é uma promessa de Vida, ele renascerá eternamente e surgirá da destruição”.

Louvemos, senhores, esse pensador profundo, admirável, que trouxe para a filosofia um outro sistema, uma outra ramificação

toda de tragédias íntimas, de revoltas soberbas, de impaciências, de ardores, de paixões, de nudez psicológica. Nietzsche deslumbrame. Produz-me na imaginação o mesmo abalo das montanhas com todos os seus trabalhos de seiva, de luz, de propulsões intensas... Devemos saboreá-las lentamente, lentamente como se fora uma volúpia estranha, esquisita... Os seus conceitos deixam-nos na mente fendas luminosas, trilhos de ouro para descobertas futuras; princípios, traços, que outros cérebros possantes virão ampliar, avolumar, concluir...

A nossa piedade, senhores, para esse mártir, que desde os verdes anos via diante de si, a se lhe librar sobre as horas, a ameaçar-lhe a razão, terrível na sua iminência certa, inexorável – a loucura.

Ele a sabia na consciência como oferenda alarmante dos seus antepassados, como legado vivo, implacável do pai e do irmão mais velho.

Quantas vezes a sós, não lhe sentiu o *sabbat* infernal, não lhe ouviu o gargalhar sinistro, vezano? Durante dez anos, foi-lhe a presa integral, submissa, mansa.

Enviamos daqui a Frederico Nietzsche, ao gênio que repousa em Weimar, a homenagem, a admiração, o respeito do nosso espírito e do nosso senso.

Que ele haja sempre a lhe acariciar a lájea fria, qual vegetação ígnea, a veneração, o reconhecimento, o amor, a exaltação dos seus discípulos bem-amados.

Abstract: Conference held in the auditorium of the *Jornal do Commercio*, in August 1914, in Rio de Janeiro. The feminist author begins by highlighting the difficulty of studying and analyzing the works of the philosopher, as they are fragmentary and unsystematic, also claims that Nietzsche is little known in their midst. Discusses various themes of his philosophy, like morality, art and the woman, but does not delve into any of them.

Keywords: Nietzsche – morality – art – woman

